

Brasiliense fica

DF-Economia
001
Reportagem 0182

Renda média da população teve queda de 37% em

1991

20 NOV 1991

JORNAL DE BRASÍLIA

mais pobre

DF - Economia
uma década e cairá mais 42% até 1994

Eliane Trindade

Censo enfrenta dificuldade

Malu Pires

Ao longo da década de 80 o brasiliense empobreceu. A renda média da população, calculada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), sofreu uma queda de 37% no período de 1978 a 1988, continua decaindo e até 1994 o declínio previsto é de mais 42%, além da queda anterior. O fato é explicado por vários fatores, sendo o principal a dependência econômica do DF em relação ao setor público federal, que desde o início dos anos 80 parou de crescer. A perspectiva de cortes no orçamento do DF é prenúncio de novas quedas no poder aquisitivo e na qualidade de vida do brasiliense.

Se confirmados os cortes anunciados no repasse de verbas da União nos próximos anos, a crise tenderá a se agravar, como prevê o assessor da Secretaria do Trabalho, Marcelo Zero. Ele enfatiza ainda as graves repercussões sociais de uma possível falta de verbas federais para atendimento das áreas de saúde e educação, conforme anunciou o Governo Federal. Marcelo Zero ressalta que a interdependência econômica com o setor público acaba afetando todos os setores da economia do DF. O agravante, segundo ele, é que a estagnação da economia formal tem como contrapartida o acelerado crescimento da população economicamente ativa.

De acordo com Marcelo Zero, a queda do poder aquisitivo da população está intimamente relacionada ao arrocho salarial imposto ao funcionalismo público federal. No DF, 65% da massa salarial do setor forma da economia é proveniente da administração pública direta, fora as fundações e empresas públicas. "Dessa forma, toda a economia acaba girando direta ou indiretamente em torno das verbas públicas, seja na forma de salários, de investimentos ou gastos públicos", conclui o técnico da Secretaria do Trabalho.

Déficit

Ao contrário do crescimento apresentado nas décadas de 60 e 70 com o "boom" da construção civil e a transferência dos órgãos públicos para a nova capital, nos anos 80 a economia do DF passou a caminhar a passos lentos quando o ritmo do crescimento populacional foi acelerado, sofrendo impulso consi-

desencontro entre morador e entrevistador está dificultando a conclusão dos trabalhos de coleta de dados do Censo 1991. A afirmação é do coordenador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de Brasília, Antônio Pereira, que apela às pessoas que ainda — não tiveram sua residência visitada por um recenseador para entrarem em contato através do telefone 1408. Por causa dos desencontros, já houve dois adiamentos do término do Censo — previsto para se encerrar no final de outubro.

Segundo ele, há uma faixa da população que sai muito cedo de casa e retorna tarde da noite. "Esta situação impossibilita a aplicação do questionário, mas através do contato telefônico podemos marcar a hora da entrevista", disse, lembrando, ainda, outros quatro números que podem ser utilizados pela comunidade: 591.2113 para quem mora em Sobradinho, 561.0233 em Taguatinga, 556.1082 no Gama e 224.6998 no Plano Piloto.

Só o 1408 funciona em regime de plantão das 8 às 22 horas — os demais no horário comercial, das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas. "É importante que a população participe do processo para agilizar o final da coleta de dados, etapa

prevista para se encerrar neste final de semana", disse. Já na próxima segunda-feira os questionários começarão a ser analisados e a expectativa é de que em dezembro sejam divulgados os primeiros resultados preliminares.

Dois questionários estão sendo aplicados à população. O básico leva menos de cinco minutos para ser respondido. Consiste de perguntas simples como nome, idade, sexo, escolaridade, profissão. O segundo questionário tem 61 perguntas e as pessoas levam de meia hora a 40 minutos para respondê-lo, mas só será aplicado em 10% dos entrevistados.

De 10 em 10 casas visitadas pelo recenseador, é na décima que o questionário das 61 perguntas é aplicado. As questões se referem às que o básico contém e se aprofundam no levantamento sobre qualidade de vida, migração, renda, mercado de trabalho, etc. A importância deste trabalho, ressaltou Antônio Pereira, não está apenas no fato de se saber quantos residem no DF.

Mais que isso, frisou, seus resultados mostrarão uma radiografia da população e das condições de vida dos habitantes de Brasília. Condição que é pré-requisito para o planejamento de ações governamentais e particulares para solucionar problemas de hoje e do futuro", assinalou.

derável com as migrações. Resultado: o número de empregos gerados na economia formal está bem abaixo do nível esperado para absorver o crescimento anual de 6,5% da população economicamente ativa.

Com base na Pesquisa de Emprego/Desemprego do Ministério do Trabalho, o déficit de empregos na década de 80 atingiu uma massa de 318 mil 767 trabalhadores brasilienses. No mesmo período foram gerados 97 mil 285 empregos para atender a uma população economicamente ativa de 416 mil 52 pessoas. Em 90 foi registrado um saldo negativo de 12 mil 973 pessoas entre as admissões e demissões no DF, anulando praticamente o número de contratações em 89, quando foram gerados cerca de 13 mil novos empregos. Esse ano até

junho o saldo era positivo com 3 mil 513 contratações, a estimativa da Secretaria do Trabalho é que feche o ano com pequeno saldo negativo.

A Secretaria do Trabalho calcula que pelo menos 60 mil pessoas ingressam anualmente no mercado de trabalho, o que eleva o déficit para 370 mil novos empregos. Com a crise no setor formal, parte dessa mão-de-obra é absorvida pelo mercado informal. O percentual de absorção é hoje superior a 40%. "Essa absorção de mão-de-obra pelo setor informal também contribui para o empobrecimento do brasiliense", aponta Marcelo Zero, tendo como base que em média os rendimentos do setor informal são 43% menores que o do formal.

DF-Economia
001
Reportagem 0183